



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOÃO GUILHERME DE SOUZA QUEIROGA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-544

Entrevistado: João Guilherme de Souza Queiroga

Nascimento: 24/06/1956

Local da entrevista: Porto Alegre – RS

Entrevistadoras: Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 17/04/2015

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Pâmela Siqueira Joras

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 07 minutos

Páginas Digitadas: 20 página

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação e início no esporte; Tempo de dedicação handebol; Presença de público em competições; Início do handebol no Rio Grande do Sul; Período de maior visibilidade no handebol; Cidades que o handebol tem maior projeção; Participação do Brasil e do Rio Grande do Sul em campeonatos; A Federação Universitária Gaúcha de Esportes; Projeto de visibilidade do handebol; Mundial de Handebol Júnior masculino; Universidade.

Porto Alegre, 17 de abril de 2015. Entrevista com João Guilherme de Souza Queiroga a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J. K. – Queria que o senhor iniciasse contando um pouco da sua formação e como iniciou no esporte.

J. Q. – Eu iniciei no esporte sendo incentivado pelas colegas, colegas hoje em dia “né”, das professoras de Educação Física do Colégio Inácio Montanha, a Clara¹ e a Gema² por incrível que pareça, uma era Ana Clara e a outra Gema que depois virou nome de escola ao falecer. Elas eram pessoas muito interessadas em esporte e elas trabalhavam com um ensino primário que seria o equivalente hoje as séries iniciais e, por gostarem de esportes, elas nos estimulavam a jogar *newcomb*, caçador, e mil e outras atividades recreativas que eram praticadas naquela época na escola. E a dali elas construíram um grupo de praticantes de atividades físicas e jogadas e nós fomos participar dos Jogos do Centenário da Sogipa³, em uma modalidade que, era uma modalidade de ginástica que era corrida de biga humana, então, em vez de serem cavalos e de existir a estrutura da biga, eram alunos que se postavam na formação de biga e um aluno que ia sendo carregado em cima, e a gente acabou no meio das brincadeiras vencendo os Jogos do Centenário da Sogina e aquilo ali foi um estímulo para nós. Mas, como todo e qualquer guri de família pobre, de bairro pobre, o meu sonho sempre foi ser jogador de futebol, todo mundo queria praticar esporte e eu não iria fugir disso aí, tentei ser jogador de futebol, mas não consegui. Eu sofri uma lesão na perna e tive que operar bem cedo, aí com onze, doze anos eu já sabia que jogador de futebol eu não ia ser, porque eu tinha canela de vidro. Mas, aí eu seguí praticando Educação Física regular na escola, e em seguida eu tive uma doença gravíssima que chama-se glomerulonefrite, e depois de passar por esta doença, que o médico me disse: “Bom, agora tu renasceste, tu tem que fazer esporte”. Essa doença ela gerava uma inatividade total, eu só podia ficar parado, eu não podia acelerar o meu metabolismo e tudo mais, então, passando essa doença eu comecei a praticar esportes mais definidamente,

¹ Nome sujeito a confirmação.

² Nome sujeito a confirmação.

³ Sociedade de Ginástica de Porto Alegre.

passei a remar no Grêmio Náutico União, por influência de colegas do Julinho⁴. Eu já era estudante do Julinho, comecei a praticar remo no Grêmio Náutico União em 1970, e ali eu fiquei durante todo aquele ano de 1970 praticando remo e, paralelamente a isso, eu comecei a jogar futsal para ajudar os colegas de colega; como eu não podia ir para a linha, eu fui para o gol, porque naquele tempo o futsal não permitia que os jogadores fizessem gol e ativassem jogadas dentro da área, e isso me protegia, protegia minhas canelas. Então, eu comecei a brincar nesses esportes, nunca fui um grande atleta disso, mas era um mecanismo que eu encontrava de praticar atividades físicas, paralelamente a isso, o meu irmão começou a jogar basquete no Internacional⁵ e o nosso professor de Educação Física no Julinho, o professor Campos⁶ falou: “Quem sabe tu também vais”, porque eu era grande, enorme, e ele dizia, para a época, para o perfil biotipológico daquela época. Eu comecei a tentar ser jogador de basquete, mas eu não conseguia, porque eu tinha uma característica diferente das outras pessoas que jogavam basquete, de permanecer os pivôs paradinhos esperando a infiltração, e não atacando a pessoa que viesse infiltrar ou arremessar, eu bloqueava com o peito, então isso acontecia que a minha permanência nas quadras durava no máximo cinco ou seis minutos de jogo e eu já tinha que sair, e isso foi uma característica que foi descoberta pelo professor Benno Becker Júnior, que era quem estimulava o handebol, como sendo uma coisa boa para o handebol. Eu era inapto, inábil para o basquete, mas essa característica de bloquear com o peito era uma coisa que para o handebol servia. Aí eu comecei a convite do professor Benno Becker Júnior a praticar o handebol, e segui, durante dezessete anos eu joguei handebol, e paralelamente a isso, eu virei árbitro, virei técnico, e depois dirigente, onde eu permaneço até hoje. O esporte para mim é a minha paixão, é a minha profissão, é praticamente metade da minha vida, a outra é a familiar, mas a vida profissional ela foi construída toda a partir do esporte até porque nós tivemos uma infelicidade. Quando eu tinha quinze anos e o meu irmão quatorze, nós perdemos o pai, a minha mãe ficou viúva muito cedo, e como eu te disse, nós éramos uma família muito pobre, então, a gente tinha que encontrar mecanismo para sobreviver. E aí por influência, inclusive, do professor Benno Becker, nós fomos fazer curso de árbitro de handebol, então mesmo sendo ainda praticante de handebol em categoria infanto juvenil, a gente virou árbitro e apitava inclusive os campeonatos adultos, porque a gente tinha sorte

⁴ Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

⁵ Sport Club Internacional.

⁶ Nome sujeito a confirmação.

de ser árbitro *específico* do handebol, nós não tínhamos sido árbitros em outras modalidades antes, nós iniciamos a arbitragem no handebol. E isso aí, propiciou que a gente tivesse ganho de verbas quando a gente ia apitar, tivesse um dinheirinho e isso nos ajudou no sustento. E depois a gente entrou na faculdade eu consegui com um colega montar a primeira empresa de eventos que conseguiu fazer a Junta Comercial aprovar a expressão arbitragem esportiva, porque arbitragem é uma coisa do meio jurídico, e os advogados que tinham esse direito de arbitrar. A Junta Comercial aqui do Rio Grande do Sul não admitia esse termo em outras áreas, mas nós fizemos um requerimento utilizamos referencial bibliográfico da época e a Junta Comercial, então, permitiu que a gente abrisse uma empresa. Eu e um colega que hoje é até juiz, Ricardo Nüske, em 1975, nós abrimos a Sport Empreendimentos Esportivos e a gente durante muito tempo sobreviveu da arbitragem, na vida paralela, a vida profissional de educador em sala de aula, como professor.

J. K. – Saberria me dizer quando o senhor iniciou a prática do handebol?

J. Q. – No final dos anos 1970 é que teve essa passagem, que eu estava tentando jogar basquete e não conseguia me estabelecer como jogador de basquete. Aí então eu fui convidado a começar a praticar esse handebol, e aí eu tive condições de começar praticar o handebol mesmo. Inicialmente, a gente fazia o handebol no Julinho dentro das aulas de Educação Física, mas como eu não era da turma do professor, eu ia em um horário fora para treinar junto com esses colegas. O Julinho chegou a ter naquela época uma equipe que ficou três anos seguidos sem perder nenhuma partida aqui em Porto Alegre. Parece que o Colégio São João, conseguiu alguma coisa semelhante nos anos 2000 com o professor Pedro Paulo⁷, que ele não perdeu durante quatro anos, parece que teve isso, mas eu não sei o dado concreto, teria que verificar com os caras, mas na época era uma coisa assim, *incomum* uma equipe permanecer tanto tempo sem perder. A gente ia para campeonatos brasileiros e lá perdia, mas aqui no Rio Grande do Sul não [riso], então tinha uma certa hegemonia no local.

J. K. – O senhor falou que já atuou como técnico?

⁷ Nome sujeito a confirmação.

J. Q. – Sim.

J. K. – Quais foram os clubes que o senhor atuou, e quanto tempo o senhor dedicou ao handebol?

J. Q. – Nossa, no sistema de clubes na Federação de Handebol eu não atuei como técnico, eu atuei como técnico dentro do sistema do desporto educacional, tanto escolar, quanto universitário, então, foram essas ênfases que eu tive. Eu tive uma experiência breve no Alça Colaborando, um clube, no Glória Tênis Clube, como técnico de handebol, mas foi só durante um evento que eles solicitaram um apoio, porque eles não tinham, mas a minha vida como técnico foi toda ela no meio do esporte educacional, tanto escolar quanto universitário. Durante a minha trajetória de atleta e de técnico, eu perdi o gosto pelo desporto competitivo organizado pela Federação Gaúcha de Handebol, eu me afastei da Federação e permaneci somente participando dos eventos educacionais. O tipo de proposta que era desenvolvida naquela época não satisfazia os meus interesses e nem permitia que os meus objetivos fossem alcançados, existiam muitas coisas que não eram colocadas muito às claras, muitas coisas obscuras, e isso aí consegue fazer em um momento até enfrentá-las, mas depois é melhor tu recolher o teu time de campo e partir para uma área onde tu vê que as coisas estão mais limpa, mais as claras. Eu optei por trabalhar mais no esporte educacional, trabalhei no Colégio das Dores⁸ como técnico durante três anos, depois eu trabalhei com as seleções estudantis de Porto Alegre, nos Jogos Estudantis Estaduais que havia da UGES, da União Gaúcha dos Estudantes, e depois dentro da própria ESEF⁹. Durante a minha formação eu fui técnico da equipes femininas da faculdade, da universidade que representavam a UFRGS¹⁰ nas competições, e depois dali eu segui como técnico no desporto escolar, depois no Liberato¹¹ que foi uma escola que eu lecionei bastante tempo, e durante o período que eu trabalhei no Colégio Liberato eu também era professor de prática de ensino de handebol no curso de Educação Física do IPA¹². Eu acabei montando um sistema aos sábados de manhã no Liberato que era uma sistema de acesso e universalização do handebol, como sendo uma modalidade de direito dos

⁸ Colégio La Salle Dores.

⁹ Escola de Educação Física.

¹⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹¹ Escola Municipal de Educação Básica Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha.

¹² Instituto Porto Alegre.

estudantes conhecerem, então, a gente fazia as práticas de ensino de handebol naquela comunidade e aberta, então, todos os estudantes da redondeza em especial os do Liberato que quisessem praticar era só comparecer na escola e tinham acesso ao handebol. Não era um objetivo de competição, as pessoas vivenciavam ações pedagógicas do handebol, jogavam o jogo, mas sem a contaminação do *não*, as pessoas iam lá praticar se desse uma caminhada a gente deixava concluir aquela ação, para depois repor para o grupo: “Olha, foi bonita aquela jogada, mas ocorreu isso”. Fomos construindo limites, mas não inibindo a pessoa de criar seus movimentos corporais adequados a modalidade. Então foi um “lance” bem bacana, porque durante oito anos, a gente conseguiu fazer aquela comunidade praticar handebol e eles, até por insistência, começaram a querer participar dos Jogos Municipais de Porto Alegre, naquela época se chamava Jogos da Escola Cidadã, e o Liberato ganhava quase todas as categorias, mesmo não obtendo uma formação com espírito competitivo. E eles ganhavam porque eles dominavam mais as técnicas do jogo e eles praticavam com mais prazer, em todos os níveis masculino e feminino, as equipes do Liberato tinham êxito. Então para nós isso aí satisfazia, porque era uma coisa que eles faziam com prazer.

J. K. – As competições que o senhor participou como, era a presença do público?

J. Q. – Inicialmente, lá pelo início dos anos 1970 as famílias, e os colegas costumavam ir prestigiar os jogos das equipes, por exemplo, se tu fosse disputar uma partida de campeonato estudantil gaúcho, Julinho contra o Colégio Anchieta, enchia o ginásio do Israelita¹³ para assistir no voleibol; por exemplo, no basquete também, mas no handebol era mais um público menor, era mais os parentes dos atletas, namorados, colegas de aula que gostavam ou as pessoas que compunham o grupo, mas com certeza um público bem maior do que a gente vê hoje nos eventos esportivos. A falta de opções de lazer naquela época, gratuitos, provocava a aproximação das pessoas a essas ações, se eu sou teu amigo, tu vais participar de um evento, naquela época a gente ia junto, hoje cada um tem um destino, as pessoas preferem ficar na frente do celular no *WhatsApp*, ao invés de olhar e tocar no outro.

¹³ Associação Israelita Hebraica.

J. K. – Em relação, ao handebol aqui no Rio Grande do Sul, tu saberia me dizer como ele iniciou aqui no estado?

J. Q. – Teve dois caminhos que foram traçados para o início do handebol no Rio Grande do Sul: tem um que é nível escolar de prática, começou com o professor Benno Becker em 1967, em Salvador do Sul. O professor Benno foi designado professor estadual em uma escola em Salvador do Sul, e lá ele começou, de lá, ele foi para aquele colégio ali na Vila Scharlau, eu estava até pegando o nome correto do coleginho ali, e depois eu vi que é um colégio que fica na Scharlau, chamado Olindo Flores¹⁴, lá trabalhando o professor Benno Becker também seguiu com o handebol nessa escola. De lá o professor foi para o Julinho onde iniciou a equipe da qual eu e os meus colegas participamos, e depois o professor Benno Becker começou a transitar dentro do mundo acadêmico, sendo professor do IPA, da Feevale¹⁵ e da UFRGS e isso aí criou uma comunidade de professores que desenvolveram o gosto pelo handebol e viram no handebol uma alternativa para ser levada a sala de aula. Paralelo a isso, o professor Chiquinho¹⁶, o Carmargo Netto, dentro como professor da ESEF ele começou a ministrar elementos do handebol, dentro da ESEF, e naquela época existia um curso paralelo a licenciatura de Educação Física que era um curso chamado de PREMEN¹⁷ e o pessoal fazia parte de uma melhoria da formação de professores. Então eles atuavam em várias cidades ali do interior e vinham para Porto Alegre para receber essa instrumentalização, e esses professores desenvolveram um gosto tal pelo handebol, que eles faziam essas trocas, eles tinham aula nas férias escolares, uma permuta de dados assim sobre a evolução do handebol que foi riquíssima e isso contribuiu bastante para o desenvolvimento do handebol. Tem que ser feito um parênteses assim, que nessa época que eu estou te relatando, não existia futebol na sala de aula, não existia futsal na sala de aula, essas modalidades esportivas não eram aceitas pelo sistema pedagógico do Ministério da Educação. O referencial bibliográfico inclusive que vinha para servir de subsídio para os professores, e os jogos escolares não incluíam o futebol e o futsal, que naquela época se chama de futebol de salão... Como gama de conteúdos da Educação Física escolar, o que a gente praticava nos colégios era o “chutebol”, a gente chutava qualquer coisa, bolinha, caneta, canela de colega, tudo virava um “chutebol”, mas bola de

¹⁴ Escola Estadual de Ensino Médio Olindo Flores da Silva

¹⁵ Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo.

¹⁶ Francisco Camargo Netto.

futebol, e futebol não existia na sala de aula na Educação Física nesse período que eu estou te citando. Então tinha uma característica *bem diferente*, e nesse mesmo ano, em 1970, o professor Benno conseguiu, retornando ao enfoque do handebol da pergunta que tu havias me feito, ele conseguiu organizar a Federação Gaúcha de Handebol. O Rio Grande do Sul, tinha ido para disputar o primeiro campeonato estudantil que teve, ele que organizou a seleção, e aí ele conseguiu organizar graças ao vínculo dele com o pessoal do Colégio Israelita, do Grêmio Esportivo Israelita, ele reuniu os três clubes hebraicos de Porto Alegre: o Grêmio Esportivo Israelita, o Círculo Social Israelita, e o Clube Campestre. Esses três clubes da comunidade hebraica é que fundaram a Federação Gaúcha de Handebol, inclusive nesse momento de organização inicial, os outros vários clubes não depositavam muita importância para o handebol; o handebol de clubes começou a ser desenvolvido mesmo, com maior ênfase a partir da inauguração do Gigantinho da Beira-Rio, quando o Internacional¹⁸ abriu uma equipe de handebol, aí nós fomos lá todo mundo, os apaixonados pelo handebol, mesmo gremistas como é o meu caso, fomos lá vestir a camiseta do colorado e bem defender o Internacional. Depois outros clubes foram agregando o handebol, nós tivemos o próprio Grêmio Israelita, o Teresópolis Tênis Clube, o Lindóia Tênis Clube, a Associação Desportiva do Colégio São João, isso nos tempos idos, hoje em dia tu verifica outros clubes mais modernos, mas esses eram os clubes que praticavam na época. E inclusive havia uma certa disputa porque, por exemplo, nós todos éramos oriundos de esporte educacional, então, por exemplo, os alunos do Julinho iam jogar no Internacional aí os alunos do São João iam jogar no Lindóia; aí no outro ano, se o técnico que se apropriasse da condição de ser treinador do Lindóia não era vinculado aos alunos do Julinho, o que acontecia? Os alunos do Julinho trocavam de clube e isso aí é uma coisa... Exatamente o que a gente percebe ainda hoje, por exemplo, vocês que conhecem do futebol feminino. O futebol feminino vai onde vai o técnico, e o grupo de atletas, veste a camiseta, mas é aquele grupo que está aí representado. E o mesmo acontecia no meio acadêmico, o time da UFRGS jogava em um clube e o time do IPA jogava em outro clube, essa era a tradicional rivalidade do meio acadêmico, UFRGS e IPA, depois é que foi inserido em Santa Maria¹⁹, o handebol, pelo professor Pedro Lang²⁰. E aí Santa Maria

¹⁷ Programa de Expansão e Melhoria do Ensino.

¹⁸ Sport Clube Internacional

¹⁹ Cidade do Rio Grande do Sul.

²⁰ Pedro Benno Lang.

começou a evoluir também no handebol e traçar um paralelo com Porto Alegre, no caso de handebol da hegemonia da época.

J. K. – Quando o senhor consideraria o período de maior visibilidade do handebol?

J. Q. – Eu acho que foi no final da década de 1980, em 1986 em diante o handebol cresceu muito, o Rio Grande do Sul conseguiu ótimos resultados, não só pela massificação que aconteceu das práticas de handebol nas competições estudantis, mas também foi um período que surgiu a primeira equipe, vamos dizer assim, semi profissional de handebol, o pessoal da Universidade... Da Associação Desportiva da Universidade Federal de Santa Maria vez uma equipe, em uma cidade do interior, essa equipe tinha um patrocínio, e como dava visibilidade a cidade de Santa Maria, esses meninos treinavam. A gente jogava com eles em seleções universitárias também, mas eles treinavam de segunda a sábado, uma realidade que a gente não tinha como compor, no caso, em Porto Alegre, então isso facilitava. Então eles treinavam de segunda a sábado, tinham quadras disponíveis, e enquanto eles treinavam em quadras grandes, ginásios cobertos de parquet, a gente treinava nas quadras abertas. Por exemplo, na época de estudante, na quadra de asfalto do Julinho, na quadra do Parque Municipal Araribóia que também era aberta, a gente treinava naquele local, a gente jogava no Parque Marinha do Brasil. Quando o Marinha foi inaugurado na quadra de cimento, então era uma coisa muito difícil tu teres acesso a quadras esportivas próprias para a prática de handebol, aí depois sim, uma série de ginásios foram construídos e permitiram a prática do handebol dentro. Mas assim, eu tenho uma certeza que a nível de Rio Grande do Sul, esse período no final dos anos 1980 foi uma grande visibilidade, depois nós tivemos uma outra ação que foi desenvolvida pelo professor Caio²¹, em Sapiranga²². O professor Caio conseguiu montar a partir de uma equipe que ele tinha infantil que as meninas eram patrocinadas por um calçado de nome Francesinha e aí o professor Caio conseguiu patrocinadores na cidade. Ele criou um clube de prática de handebol, em Sapiranga, onde os empresários doavam “x” reais por mês e tinham direito a “x” convites para ter acesso aos jogos e ele ainda tinha sócios moradores. Habitantes da cidade também contribuía e tinham os mesmos direitos de assistir esse jogos e a prefeitura de Sapiranga, talvez da Secretaria de Educação disponibilizava a carga horária do professor Caio e

²¹ Claudio Augustin.

²² Cidade do Rio Grande do Sul.

disponibilizava estagiários para acompanhar o professor Caio nesse treinamento, isso aí já foi no final dos anos de 1980, início dos anos 1990, quando o professor Caio já conseguiu construir esse handebol em Sapiranga bem forte, Sapiranga foi campeã brasileira de handebol das série, que seria, vamos dizer teoricamente a segunda divisão, e depois foi campeã da primeira divisão. Então, eu diria assim, que nesse período de 1986 a 1995, foi o apogeu do handebol gaúcho, em termos de clube e escolar também.

J. K. – Na sua opinião, na atualidade aqui no Rio Grande do Sul, quais são as cidades que o handebol tem maior projeção?

J. Q. – Sem dúvida Novo Hamburgo, Caxias do Sul, são as cidades que mais investem na questão do handebol feminino, e o handebol masculino a gente vê ainda, que Santa Maria é a cidade que mais desenvolve, graças ao incentivo do professor Jorge²³, o Capi lá em Santa Maria. E aqui em Novo Hamburgo a família Arena, o Renato²⁴ e o filho dele, e lá em Caxias o Gabriel Citton, a esposa Isabel²⁵ e o Brasa²⁶ que conseguem manter o handebol ativo. Nós vemos aqui em Porto Alegre, uma ação até bem boa nos últimos anos, que é o desenvolvimento do Guilherme Caporal que está conseguindo fazer o handebol da UFRGS voltar a ser como era no meu tempo, que a gente ia para competir para ganhar, não era só para passear, então, isso aí são coisas boas que estão acontecendo no meio do esporte no nível de adulto. No meio estudantil a gente ainda vê equipes em Capão da Canoa²⁷ sendo desenvolvidas, e o pessoal desenvolve um handebol de praia, o “Beach Handball” que é uma... Na realidade não tem nada a ver com o handebol de praia que nós jogávamos, que a gente jogava handebol na praia de sete, e eles jogam esse outro jogo *bem diferente* não é o mesmo esporte, porque eles têm características bem distintas, mas é o nome da modalidade que está sendo colocado na mídia, então vale a pena. Mas essas pessoas que hoje transitam no handebol escolar elas tem desenvolvido *bastante* o estímulo dos alunos para o handebol, o grande problema que a gente vê é que os novos professores saem das instituições de ensino superior, sem estímulo para a prática do esporte, os professores saem licenciados, mesmo os licenciados, saem da faculdade com uma formação pedagógica e fisiológica

²³ Jorge Luiz Brandli Fernandes.

²⁴ Renato Arena.

²⁵ Nome sujeito a confirmação.

²⁶ Nome sujeito a confirmação.

²⁷ Cidade do Rio Grande do Sul.

muito boa, muito enriquecida, mas sem uma gama de recursos metodológicos e pedagógicos para desenvolver o esporte em sala de aula, e isso atrapalha bastante a Educação Física está perdendo muito com o afastamento do esporte, parece que o mundo acadêmico deixou... A academia em geral, deixou o desporto para os bacharéis, só que os bacharéis não estão dentro da sala de aula, então, o que está acontecendo? O contrário do que acontecia no meu tempo, onde nós éramos estimulados e recebíamos a formação inicial na escola, para depois irmos para os clubes, defender as cores dos clubes. Hoje os praticantes de esportes são todos eles estimulados pelos clubes, o estímulo ao esporte na sala de aula é praticamente nulo devido a nossa incompetência, nós profissionais de Educação Física, de desenvolver o esporte na sala de aula.

J. K. – E como esporte Olímpico, como você vê a participação do Brasil, tanto masculino como o feminino e a participação do Rio Grande do Sul em campeonatos?

J. Q. – Nós temos visto que o Rio Grande do Sul não tem conseguido evoluir em nível de Brasil, fundamentalmente por falta de patrocínio. Hoje o desporto de competição ele custa muito caro, e ele faz com que as pessoas tenham que deter grande parte do seu tempo ao treinamento; antigamente nós éramos jogadores de handebol, hoje quem pratica handebol, é *atleta* de handebol. Talvez até muitas das pessoas que conviveram comigo, dominassem mais a técnica do esporte, hoje o pessoal é atleta, os caras são quadrados, com força física espetacular, uma velocidade imensa, só que esses caras o que precisarem para atingirem o objetivo deles, eles te afundam na quadra; eles não respeitam, vamos dizer assim, aquele protocolo de ética no esporte, do esporte de alto rendimento hoje em dia não tem protocolo nenhum, o protocolo é conseguir o resultado não importa como. No tempo que eu treinava handebol, e que eu fui atleta de handebol, o psicopata quando é identificado ele é encaminhado ao treinamento. O psicopata hoje ele está guardado pelo técnico para um momento de necessidade de uma ação destemida, aí ele coloca o psicopata para executar. Então, isso é uma diferença muito grande, entre uma realidade de outrora e a de hoje no esporte. Vocês já devem ter pensando, que se o Barão Pierre de Coubertin se fosse vivo hoje, ele não admitiria a participação de nenhum desses atletas que estão indo para os Jogos Olímpicos porque todo mundo corre na frente do antidoping, todo mundo é patrocinado por alguém, todas as coisas que ele na época ele defendia e que hoje não são

mais obedecidas, o esporte hoje no mundo inteiro ele é um grande comércio. Se o Brizola²⁸ fosse da área esportiva ele diria: “Os interesses são outros!” Então a gente teria que ver quais são esses *interesses*.

J. K. – E em relação ao papel da Federação Universitária Gaúcha de Esporte, no cenário do handebol universitário?

J. Q. – Durante a tua pergunta anterior eu viajei, eu [palavra inaudível], saí na tangente [riso], eu me esqueci de abordar as questões do esporte na questão olímpica que tu falaste.

J. K. – Sim.

J. Q. – O Brasil tem evoluído muito graças à ação ambiciosa do presidente da Confederação²⁹, que fez uma parceria com uma equipe européia, e levou para lá as atletas brasileiras e isso aí fez com que o handebol feminino brasileiro evoluísse muito. Primeiro que tu perdes aquele dito, respeito ao adversário, tu começa a entender, tu começa a entender o adversário, como um atleta, um jogador igual de ti, e tu só tens que desenvolver esse teu potencial para chegar lá. Então, isso aí deu uma maturidade tanto psicológica, quanto técnica para as equipes de handebol feminina no Brasil, e eu espero que isso ali consiga ser repassado para o masculino, nosso masculino ainda é muito... Vamos dizer assim, MMA³⁰ e pouco jogador de handebol. As atletas brasileiras evoluíram muito, as goleiras brasileiras hoje são das melhores goleiras do mundo, vamos dizer assim, conseguiram absorver essas técnicas de treinamento específicas para goleiro de handebol, e estão jogando muito bem. Nós temos armadoras brasileiras hoje que conseguem desenvolver um jogo de handebol de uma forma muito objetiva. Antigamente as atletas recebiam a bola na posição passiva, hoje tu vê que as gurias estão tudo com o pezinho no terço anterior, tudo apoiadas no terço anterior ou em movimento, então, ela já está pré-disposta a ação. Antes a atleta primeiro fazia a apreensão da bola para depois iniciar uma ação ofensiva ou defensiva. Hoje as atletas estão sempre alertas, o que diferencia eu acho que é justamente essa possibilidade que a Confederação abriu, de levar essas meninas para

²⁸ Leonel de Moura Brizola.

²⁹ Confederação Brasileira de Handebol.

³⁰ Mixed Martial Arts – artes marciais mistas.

o dito primeiro mundo do handebol e lá conviverem o ano inteiro. Então, elas têm temporadas europeias, o campeonato europeu é pesado, as equipes são fortíssimas e elas conseguiram se desenvolver muito bem. O handebol masculino brasileiro ainda está muito atrelado aos clubes de São Paulo, fundamentalmente. Tem algumas iniciativas no Paraná e em Santa Catarina, mas os jogadores acabam sendo contratados para jogar em São Paulo, e essa fixação aí no terreno de São Paulo, no ABC³¹, faz com que o handebol masculino não evolua com o tempo. No nível das Universiades, o Brasil conseguiu conquistar o título no mundial no masculino e vice no feminino, então isso... Agora em Portugal, também esse ano, então é um passo... Ou melhor, ano passado, 2014. Então isso foi um passo muito grande que o Brasil teve para dar mais visibilidade para o handebol, à conquista também do Brasil do mundial feminino³², fez isso aí também: caiu, o handebol caiu no gosto do povo. A questão básica, é que nós não temos uma mídia de TV aberta que possibilite o acesso do povo ao handebol, mas os produtores dos programas esportivos que nas maiorias das vezes são pessoas vinculadas ao futebol, sabem disso, que o dia que o handebol entrar na TV aberta, a coisa vai ser diferente; a coisa vai ser muito diferente, teve algumas tentativas da Band³³ de colocar no ar alguns jogos de handebol e a aceitação foi muito boa, porque é uma questão de identidade, porque era um esporte praticado pelos adultos de hoje, na escola, então eles mostram para os filhos, olha isso aqui eu jogava e fazia gol. É um jogo muito dinâmico com muitos gols, só o que está faltando a nível de Brasil, é o handebol entrar na TV aberta, aí nós vamos, como dizem: “Nós vamos para as cabeças” [riso].

J. K. – Qual o papel da Federação Universitária Gaúcha de Esporte (FUGE), no âmbito do handebol universitário?

J. Q. – A Federação Gaúcha ela é um... Vamos dizer assim, que um reflexo do que acontece no meio universitário. A FUGE já foi a segunda melhor Federação brasileira, ela já conseguiu construir e desenvolver a Universiade de 1963 aqui em Porto Alegre, que quer queira, quer não, foi o evento de maior magnitude até hoje realizado no Brasil. E ela sediou Jogos Universitários Brasileiros de 1956, vocês não eram nem nascidas; em 1962, e

³¹ Região do Grande ABC – São Paulo.

³² Campeonato Mundial Feminino.

³³ Rede Bandeirantes.

em 1971 que também não eram nascidas ainda. O grande problema é que no final dos anos 1980, a FUGE sofreu um baque, um período administrativo da Federação. Os caras foram muito inertes, eles só queriam estar na Federação para se apropriar da sede que funcionava na Galeria Santa Catarina e transformar a sede em uma loja de tecidos, venda e revenda de tecidos. Como a loja não deu certo, o proprietário acabou *quebrando* a loja dele e fez um acordo com o síndico da Galeria Santa Catarina, e na justiça ele vendeu a sede para a esposa do síndico e a Federação ficou parada durante dez anos. Aí em 1997, o professor Alexandre Veli Nunes, que é professor de judô da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, levou uma delegação de universitários gaúchos para um campeonato brasileiro, e foi convidado, então, para remontar, reativar o esporte universitário no Rio Grande do Sul. E o professor Alexandre, como é meu contemporâneo, jogava handebol junto conosco, me convidou para auxiliá-lo na organização dessa parte burocrática, de estatuto e tudo mais, e a gente veio auxiliar. E o professor Alexandre conseguiu construir a Federação, e a Federação voltou a ter sede lá no CETE³⁴ e de lá nós conseguimos *reativar* o esporte universitário nas instituições de ensino superior. As modalidades esportivas que são praticadas em âmbito universitário, elas são aquelas que as instituições de ensino têm interesse em desenvolver, não somos nós administradores que temos que... Vamos dizer assim, o direito, o dever de estimular determinadas modalidades, a Federação é reflexo das modalidades que são praticadas, então, nós temos o atletismo, o basquete, o vôlei, o handebol, o futsal, o futebol de campo, o xadrez, essas são as modalidades que a Federação estimula. No início nós tivemos ainda quando as competições que eram entre as seleções estaduais. O handebol feminino do Rio Grande do Sul, foi duas vezes finalista dos Jogos Universitários Brasileiros. Mas quando em 2003 o Comitê Olímpico Brasileiro interferiu no esporte universitário e passou a desenvolver as Olimpíadas Universitárias, tentando barrar o nome JUBs – Jogos Universitários Brasileiros, o Comitê Olímpico mudou a forma de interagir do aluno, com a competição maior; os alunos passaram a representar não mais o seu estado e sim a sua instituição de ensino, então, os jogos passaram a ser entre as instituições de ensino. Em um primeiro momento, o sul e sudeste, foram os estados mais se prejudicaram, porque aqui a gente tem muito instituição de ensino e é difícil tu conseguires reunir em uma mesma instituição de ensino vários atletas de alto nível, que produção uma equipe competitiva, e cheguem a bons resultados. Já para as equipes do

³⁴ Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

norte e do nordeste e do centro-oeste isso foi muito bom, porque em vários desses estados tem seis instituições de ensino, quatro instituições de ensino. Então a seleção das instituições de ensino, já era a seleção estadual, entendeu? Então a mudança para eles foi muito pequena. Nós tentamos aqui no Rio Grande do Sul, aqui na FUGE, fazer com que o handebol esteja sempre presente, a gente não ousa contratar, por exemplo, para os nossos eventos arbitragem diferente do que arbitragem da Federação Gaúcha de Handebol, para prestigiar a arbitragem coirmã e para garantir a qualidade dos nossos eventos, entendo a nível conceitual, de que os melhores árbitros estão em uma Federação da modalidade, então, com essa leitura e esse enfoque é que nós desenvolvemos o handebol. O handebol é feito, dentro dos nossos padrões de organização que eu acredito que são bastante exigentes, a gente só faz competições esportivas com estrutura de segurança e saúde no ambiente. Os jogos da FUGE são sempre com ambulância, com equipe de apoio, sempre em ambiente adequados para a prática daquela modalidade, e com material de acordo também. Até lembrando agora de material, me lembrei que quando eu comecei a jogar handebol a bola tinha doze gomos e era cheia; hoje a bola tem trinta e dois gomos e é murcha. E no nosso tempo a gente não podia colocar nada nas mãos, hoje todo mundo joga com cola nas mãos. Qualquer menina com palmo de quinze centímetros pega a bola de handebol hoje; a bola de handebol naquele tempo era segura por poucos de nós os maiores e as meninas bem dizer, conduziam muito mais a bola, não conseguiam fazer uma preensão, como ocorre hoje que a bola é pequena. Além de ser uma bola mais murcha que diminui de uma certa forma a circunferência da bola, ela ainda facilita mais a preensão. Esse foi um dado que agora que tu [palavra inaudível] com a tua pergunta, eu me lembrei da bola, que a gente jogava com bolas de doze gomos, depois dezoito e agora a bola tem trinta e dois. Então olha a diferença.

J. K. – Naquela época as bolas femininas e masculinas tinham o mesmo tamanho?

J. Q. – Não, sempre tiveram tamanhos diferentes, circunferências diferentes, o material sempre foi diferenciado, o que ocorria é que as bolas eram cheias e hoje a bola é murcha. E nós não podíamos alterar as formas das mãos, tu tinha que jogar com a mão limpa e hoje todo mundo joga com as mãos sujas, o que mais tem é mão suja. Então é bem diferente, as gurias sofriam muito para iniciar no handebol por causa disso, porque a bola era grande. Então o que acontecia, tu tinhas que ter meninas grandes que jogavam vôlei, ou basquete,

porque o vôlei e o basquete já eram estimuladas a ter contato com a bola, ou então tu te usavas de jogadores pequenas e rápidas que tinham facilidade de *conduzir* a bola. Elas se apropriavam e só faziam a finalização do arremesso com uma das mãos. Na realidade o ato da infiltração e de progressão da bola, muitas vezes era feito com a bola na posse das duas mãos e ali no final é que elas finalizavam o movimento, com uma das mãos, para não perder até a bola. Então era uma coisa bem diferente, as mulheres naquele início do handebol sofreram muito, principalmente, as goleiras, com a questão de boladas no seio e tudo mais. Não havia todos esses equipamentos de hoje, a própria coquilha que os meninos jogam hoje, se protegendo, alguns já compravam os carrinhos, “fusquinha” e faziam com espuma uma proteção; as meninas usavam uma proteção grande como se fosse uma estrutura de plástico ou alumínio com espuma por baixo para não levar bolada no seio. Então os materiais esportivos eram muito incipientes, sem tecnologia adequada para a prática do esporte, nós não tínhamos nem acesso a joelheira. Os nossos joelhos eram uma ferida só, porque a gente jogava em quadras muitas inclusive de peso com saibro e alguns cascalhos que tinham no ambiente, e a gente jogava o handebol igual, então era uma coisa bem diferente Hoje tu vai jogar no carpete e mesmo assim, no carpete, em cima daquela fala que eu disse para vocês da questão da Educação Física na escola, mesmo no carpete a gente ainda vê alunas, atletas, caindo de queixo no chão e abrindo o queixo, quer dizer, é uma falta de orientação na fase inicial da sua formação corporal, de proteger o queixo, virar o rosto para o lado, esses gestos instintivos não são mais estimulados por ninguém na escola.

J. K. – Certo! Em relação à Federação Gaúcha de Handebol, tu acredita que eles tenham algum tipo de projeto de visibilidade para o handebol?

J. Q. – Eu acho que o grande problema de visibilidade em qualquer Federação é o custo da visibilidade, nós temos... Nós somos todos apaixonados por esporte, a questão básica é o seguinte: as pessoas não são apaixonadas, as pessoas que estão com os meios de comunicação na mão, elas não são apaixonadas por esporte, elas são apaixonadas por futebol, é diferente. Esses indivíduos que se outorgam nos meios de comunicação como comentaristas esportivos, eles pouco, ou até melhor, muito intentem dos assuntos que transitam pelo futebol, mas pouco entendem de esporte, algumas aberrações são ditas no dia a dia e o pessoal não tenta se instrumentalizar, vários cursos que foram propiciados

para dar uma formação melhor, uma qualificação melhor para esses indivíduos não foram... Não tiveram uma boa repercussão, e o que acontece é o seguinte: a visibilidade *hoje* ela tem um custo muito alto, se tu fores contratar primeiro, jornalista só respeita jornalista. Se eu preparar um *reliase* e enviar para um órgão de comunicação, eles vão me dizer: “Mas, quem foi o jornalista que preparou?” E eu vou dizer: “Fui eu, o Zezinho das couves que preparei!” “Então, procura um jornalista, parece que a coluna está mal inscrita, ou mal produzida, não está com a ênfase necessária.” Só que aí vários deles se oferecem para contribuir contigo, R\$ 13.000,00 por mês, para uma Federação Gaúcha que arrecada R\$ 3.000,00 por mês, para poder pagar R\$ 55.000,00 ou R\$ 60.000,00 por ano, para um jornalista? *Nenhuma!* Só a Federação de Futebol. As outras Federações, dita amadoras, elas não conseguem esse dinheiro, não tem dinheiro para isso. Então se esse custo de *fazer a matéria chegar* até o jornalista, já é esse valor, como é que a gente vai conseguir espaço? Nós estamos trabalhando agora nos bastidores, para tentar fazer que a TVE³⁵ se transforme no veículo do esporte gaúcho, para isso a gente está estimulando os novos administradores da TVE para ver se eles valorizam o esporte. Agora a gente tem que transformar esse forma para ter visibilidade, como fazer isso, nós precisamos que os acadêmicos das áreas de publicidade e *marketing* venham para as Federação, se aproximem, se apropriem dessas áreas e passem a desenvolver. Por exemplo, a Federação Universitária não tem nenhum profissional, são todas as pessoas que são professores que contribuem com o esporte universitário voluntariamente, quando são realizados eventos esportivos a gente paga diárias para esse pessoal, como mecanismo de respeitar...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]³⁶

J. Q. – Como mecanismo de respeitar a dedicação deles, para este momento que eles estão trabalhando porque na realidade é o seguinte: apesar de voluntários nós cobramos deles qualidade, entendeu? Então ao cobrar qualidade tu tem que ter um retorno, então, a gente se propicia, se dispõe a pagá-los, eles recebem uma diária pelo evento que eles trabalham, mas são todos professores e é uma dificuldade muito grande, assim, de tu manteres equipe

³⁵ TV Educativa de Porto Alegre.

³⁶ Celular do entrevistado tocou.

de colaboradores, porque como o esporte no meio acadêmico ele ainda é muito... Ou ele é muito insipiente, muito amador de forma colaborativa no conjunto da formação das equipes, ou ele é semiprofissional com bolsas que estimulam, então, a diferença técnica entre os grupos de praticantes do esporte educacional universitário é muito grande. Se tu fores assistir jogos, tu verás que uma equipe que treina, tem atletas, a outra só tem praticantes. A que tem atletas, tem mais chance de ganhar por que consegue imprimir um ritmo de jogo, uma velocidade de jogo muito maior do que a outra, e cansa mais rápido a outra, que não tem preparação. Então essas coisas dificultam que tu tenhas uma linha de esporte universitário *com visibilidade*, para um veículo de comunicação ter o interesse em patrocinar uma modalidade. Nós já tivemos dois momentos que a gente tentou fazer com que o esporte atingisse os canais de televisão, o esporte universitário gaúcho, mas sempre quando entra naquela questão, quais são as modalidades que nós vamos levar ao público e qual é a nossa disponibilidade. Nós nos confrontamos com aquela situação de que o professor universitário, ele não trabalha só em uma universidade: ele trabalha em duas ou três, então, ele não tem tempo para nos finais de semana ficar levando as equipes nas competições esportivas, então, acaba os acadêmicos assumindo isso. O cara é atleta e técnico, com um somatório de funções, e aí acaba que a instituição de ensino não quer expor o nome dela, a instituição “x” a uma visibilidade que pode dar uma conotação negativa, perder de dez a zero em um jogo de futsal para outra equipe lá, então as equipes acabam recolhendo o time de campo. Nós temos hoje estruturados, dois tipos de competição no meio universitário: nós temos as Ligas Universitárias e nós temos os Jogos Universitários. Os Jogos Universitários são desenvolvidos nas modalidades em que existem os Jogos Universitários Brasileiros, então, quem ganha os Jogos Universitários gaúchos tem o direito de representar o Rio Grande do Sul nos Jogos Universitários Brasileiros. As Ligas gaúchas elas só têm funcionado na esfera do Rio Grande do Sul mesmo porque as instituições não têm interesse em ir para as Ligas brasileiras, porque ao contrário dos Jogos Universitários brasileiros, onde a Confederação fornece hospedagem, alimentação, transporte lá no local, na cidade cede dos jogos. Nas Ligas Universitárias a instituição de ensino tem que pagar todos os custos de viagem: hospedagem, alimentação, e transporte interno naquele local. Não existe interesse das Ligas Gaúchas em participar da Liga Brasileira. Vai acontecer agora a Copa Brasil Universitária de Futebol feminino pela segunda vez, e as instituições se interessaram por quê? Porque tem custo zero, e ainda tem um *handicap* a mais, que ganham todos os uniformes para participar do evento, então, por

exemplo, a instituição que representa o Rio Grande do Sul nessa Copa do Brasil é beneficiada por todos os equipamentos novos para o seu repertório de opções, de fardamentos esportivos, material de jogo, então isso aí diferencia. Nós estamos conseguindo desenvolver ainda a Liga Universitária de futebol masculino, que ela ainda é... Por ser o futsal ainda uma modalidade *muito praticada*, ainda consegue fazer... Tipo os acadêmicos mantenham as viés ativas, e além do universitário de futebol, tem o futebol de campo que é desenvolvido, então essas ações são bem desenvolvidas. O esporte universitário, ele sobre de uma coisa também advinda do CREF³⁷ e das decisões do CONFEF³⁸, a questão de que o cara para ser técnico tem que ter feito bacharelado, ele *inibe* o professor da instituição de assumir a condição de treinador; isso aí, é uma coisa que nós vamos ter que construir uma caminhada dentro do sistema CONFEF para tentar recuperar algumas coisas, repensar algumas coisas, resgatar. Porque toda vez que nós tomamos uma decisão, que inibe o direito de um estudante ter acesso ao esporte. Nós não estamos contribuindo positivamente, esse é um aspecto negativo. Eu fico bem à vontade de falar sobre isso, até porque eu sou conselheiro do CREF, então, nem todos concordam com as mesmas coisas. Agora a luta é de dentro, não é de fora, não adianta achar que está errado e está certo.

J. K. – Sim! Tu acredita que o Mundial de Handebol Júnior masculino, que vai ocorrer nesse ano no Rio Grande do Sul ele vai dar maior visibilidade para a modalidade?

J. Q. – Olha, eu acho que ele iria dar, se ele fosse realizado aqui, mas ele não vai ser mais realizado aqui, o Rio Grande do Sul abriu mão de... A FUNDERGS³⁹ se negou a manter o patrocínio e infelizmente o Mundial não vai ser mais aqui. Nós teríamos sedes em Santa Maria e Campo Bom⁴⁰, principalmente, isso aí... Caxias também estava vinculada, e eles estimularam *muito* o handebol gaúcho, mas infelizmente, por uma questão de negócios... O esporte em alto nível ele é um negócio, como um patrocinador que iria bancar os jogos fundamentalmente era *o governo*, e o governo do estado se diz sem verbas, já foi cancelado a sede do Rio Grande do Sul nesse evento, é lamentável porque essa decisão foi tomada agora no início do ano, onde toda a caminhada já estava sendo estruturada. Isso aí é, vamos

³⁷ Conselho Regional de Educação Física.

³⁸ Conselho Federal de Educação Física.

³⁹ Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul.

dizer assim, um defeito que acontece. As pessoas assumem compromissos, dão cartas de comprometimento, não sei se vocês sabem disso, mas quando alguma instituição vai concorrer a sediar um evento, ela é obrigada a apresentar cartas das prefeituras e dos governos, dizendo que irão contribuir, irão bancar. Só que infelizmente no Brasil, entra uma gestão... Termina uma gestão, inicia outra, as pessoas mudam da água para o vinho, e foi o que aconteceu no evento. O professor Giacomini⁴¹, que estava envolvido na produção desse evento, tomou um *ippon* ele nessa aí apesar de todo o envolvimento e investimento que ele teve. Nós não conseguimos levar contento isso, até a prefeitura de Campo Bom está nos disponibilizando agora o ginásio de esporte para realização de Jogos Universitários gaúchos lá, porque ficaram disponíveis pela não realização do Mundial Júnior.

P. J – E em relação à Universiade, tem alguma informação se teve alguma competição relativa ao handebol?

J. Q. – Não, porque a modalidade não estava dentro do capital de ações que iam ser desenvolvidas. Depois é que foi introduzido, mas eles não deram sinal nenhum ainda do que o Brasil vai participar; a gente não sabe do que vai participar, a gente só sabe que estão para sair agora até o final de mês de abril, uma relação de quais modalidade que o Brasil vai participar e quem vai participar. Então isso é uma coisa, que não tem assim uma relação de dados concretos sobre esse “lance” da Universiade. Mas eu tenho construído uma história muito bonita de handebol nos Campeonatos Mundiais Universitários, isso aí sim o Brasil tem conseguido ter bons resultados tanto no masculino quanto no feminino. E a gente espera que continue, é sinal que no meio universitário o Brasil ainda tem gente de alto nível praticando, vamos ver se consegue se manter.

J. K. – Teria mais alguma coisa que o senhor gostaria de compartilhar?

J. Q. – Eu acho que do handebol, assim, o que precisa ser dito e que várias pessoas e várias instituições, no caso várias escolas, contribuíram bastante para a construção do handebol. A gente, no próprio período em que o handebol iniciou, teve pessoas... Inclusive o próprio

⁴⁰ Cidade do Rio Grande do Sul.

⁴¹ Luiz Celso Giacomini.

preparador físico do Internacional, hoje o Élio Carraveta⁴², é um cara que organizou todas as equipes de handebol do Colégio São João; depois ele foi sucedido pelo professor Pedro Paulo Guimarães⁴³, no Colégio Farroupilha. O professor Rui Bracher⁴⁴ criou uma comunidade durante quinze anos ali de atletas de handebol. Nós tivemos ali no Julinho mesmo, o Benno, depois o professor Carioca, o Paulo Gilberto Oliveira, também organizou o handebol naquela esfera. E nós, na zona sul de Porto Alegre, tínhamos o Colégio Padre Reus⁴⁵ que era um local onde eu buscava sempre vários atletas porque a professora Maria Helena⁴⁶ e Zulma⁴⁷ instigavam tanto os gurus, como as gurias a praticarem handebol. Inclusive um dos grandes jogadores de handebol que o Rio Grande do Sul teve, assim, a nível escolar, virou um grande jogador de vôlei; ele foi um iniciante de vôlei, passou pelo mundo do handebol, e acabou como um grande jogador de vôlei, que era o Doro Caporal⁴⁸; ele tinha uma facilidade, que ele arremessava em suspensão com um tempo a mais, ele fazia um recolhimento de quadril, onde ele ficava um tempo a mais no ar, e isso aí desequilibrava o processo de bloqueio dos defensores adversários. Não sei se alguma coisa tu achou que ficou em branco, que não foi falado?

P. J. – Não, só agradecer a disponibilidade de tempo para a entrevista.

J. Q. – Não, quanto vocês precisarem, enquanto o alemãozinho, Alzheimer não tomar conta, pode contar comigo para registros.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁴² Élio Salvador Praia Carraveta.

⁴³ Pedro Paulo da Silva Guimarães.

⁴⁴ Nome a confirmar.

⁴⁵ Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus.

⁴⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁸ Antônio Calza Caporal.